

FÓRUM DE DEBATES

Nº. 7/2010 – 11 de maio de 2010 ryoung_rio@yahoo.com

Participe deste Fórum com seus comentários e trabalhos que possam ser incluídos no nosso “site” (www.ccse aerj.org.br), na página correspondente a *PARTICIPE*. Sua participação é importante para o fortalecimento do Centro Cultural e nos ajudará a fazer um trabalho melhor.

Os comentários aqui feitos são de minha inteira responsabilidade e **não representam** a opinião do Centro Cultural da SEAERJ.

Transparência de ações e Controle Social são, cada vez mais, duas condições imprescindíveis para validade dos contratos que têm por objetivo a prestação de serviços públicos.

Algumas intervenções programadas pela Prefeitura não têm essa transparência e, muitas vezes, parecem simplesmente ser uma ideia desprovida de estudos e planejamento.

Está noticiado nos jornais que no mês de junho a Avenida Rio Branco será fechada ao tráfego de veículos e o objetivo é transformá-la em um imenso calçadão. Entretanto, se desconhece quais projetos estão delineados para ocupação desse calçadão.

Há muitos anos as ruas da Quitanda, Ouvidor, Sete de Setembro, Gonçalves Dias e Rosário também sofreram intervenções com esse mesmo objetivo, retirada de trânsito veicular e o que resta, atualmente, é uma degradação cada vez mais sentida por quem as utiliza: calçadas abandonadas, meios fios desnivelados, empoçamento de água de chuva e de esgotos (notadamente próximo aos inúmeros bares e restaurantes) e os espaços destinados a trânsito de veículos continuamente utilizados por veículos de carga e de passeio; e a Rua Uruguaiana? Quem por lá transita sabe como ficou após o seu fechamento ao trânsito.

Apesar de estar ligado a urbanistas, arquitetos e engenheiros, o melhor comentário que tenho lido, a meu ver, foi escrito por um economista, Marcos Poggi, em O Globo de 8 de maio de 2010, sob o título: **No Rumo da Insensatez.**

Começa ele em sua crônica fazendo uma referência de 1970 “*que um dos principais problemas do Brasil era a existência por aqui de muitos automóveis e poucas ruas*” e faz, entre outras, referências ao problema da nossa infraestrutura, a multiplicação da nossa frota de veículos e a falta de prioridade para a mobilidade urbana.

No caso da Avenida Rio Branco não ouvimos nenhum comentário sobre a distribuição dos pontos finais dos ônibus que continuam concentrados na Rua do Passeio, Praça Tiradentes, Praça XV, Castelo e Nilo Peçanha, todos transitando pelas Ruas Presidente Antonio Carlos - 1º de Março, que recebe uma carga excessiva de ônibus, Assembléia - Carioca, Mergulhão da Praça XV, Camerino - Avenida Passos, e pergunto por onde transitarão as dezenas de linhas de ônibus que trafegam atualmente pela Rio Branco.

Terão estas vias capacidade de receber esse aumento? Por que não se discute, em primeiro lugar, a reformulação dos pontos finais de ônibus dos locais mencionados?

E a carga e descarga para abastecimento dos pontos comerciais ali existentes? E os carros fortes transportadores de numerário para os inúmeros bancos concentrados nessa avenida? E o controle sobre camelôs e batedores de carteira?

A licitação para concessão de linhas de ônibus, a meu ver, está fadada a um amontoado de ações judiciais, cujas liminares certamente deixarão tudo como está! Lembrem-se das primeiras ações tomadas pelo Governo Brizola, em 1982, cassando permissões e transferindo linhas para a CTC.

A CTC acabou sem nunca ter sido e algumas empresas foram indenizadas pelo Governo, obedecendo a determinações da Justiça.

O problema não deve ser tratado apenas sob a ótica de uma *"ideia brilhante"*; deve ser fruto de um plano integrado envolvendo urbanistas, arquitetos, engenheiros civis e de trânsito, estudos de drenagem e de saneamento.

Planejamento e Gerenciamento são atividades de que os governos não podem abrir mão. Devem ser de competência exclusiva de servidores comprometidos com o serviço público e *"uma ideia brilhante"* não pode ser imediatamente traduzida em licitação, simplesmente em cima de um projeto básico que não seja apenas um projeto preliminar a ser desenvolvido no decorrer da obra.

Ronald Young